

OUTRO PLANETA

As luzes de Sanaa, a capital do Iêmen, uma das cidades mais antigas do mundo - com mais de 5 mil anos de história. (Ao lado) Em Wadi Doan, próximo a Sanaa, um menino de 3 anos brinca com metralhadora AK-47 de plástico



DAS ARABIAS



O IÊMEN, O QUINTAL DA AL QAEDA, DECIDE SEUS NEGÓCIOS SOB O EFEITO DO QAT, A DROGA QUE “DÁ VONTADE DE CONVERSAR”, MANTÉM PRAIAS PARADISIÁCAS PRESERVADAS E PRODUZ O MEL MAIS CARO DO MUNDO – O DOCE QUE FINANCIA O TERRORISMO

“Journalist, journalist?”, repetia o barbudo armado com uma AK-47 ao me ver com uma câmera fotográfica nas mãos.

– “Leh, Habib” (não, amigo). “Tourist, tourist.”

Ser reconhecido como jornalista naquele suspeito restaurante de estrada do vale de Wadi Doan, no leste do Iêmen, era a última coisa que podia acontecer...

PICHADO COM O SÍMBOLO DO SOL QUE CARACTERIZA a presença do partido político fundamentalista mais radical do Iêmen, o muquifó estava lotado de homens famintos e armados. Nas paredes, retratos de líderes religiosos e calendários com imagens de Meca davam o tom da conversa. Do lado de

fora, crianças brincavam descalças, acompanhadas de um cão esquelético. A paisagem desértica era pontuada com tanques de guerra oxidados, inertes resquícios da guerra civil que resultou na precária unificação do Iêmen com o Iêmen do Sul, em 1990, para formar um só país com 99% de muçulmanos (de diferentes facções), bastante pobre e repleto de conflitos tribais não resolvidos.

Observando meu comportamento com a câmera, aquele objeto munido de gatilho, o sorridente barbudo apontava seus colegas, acusando-os de pertencer à organização terrorista Al Qaeda! “Sura, sura [foto, em árabe]”, ele dizia. O sujeito quer que eu fotografé um par de mal-encarados, sentados no chão com rifles kalashnikovs no colo, que comem calmamente o único item do menu: um pão com

TEXTO E FOTOS CAIO VILELA

salta, molho ralo de vegetais cozidos com cardamomo. Insisto em deixá-los em paz, guardando a máquina e proclamando o famoso “As Salam Aleikum!”, cumprimento padrão do mundo islâmico. Não funcionou. Puxando-me pelo braço, ele subia a voz: “Sura, sura, no problem! [foto, foto, sem problemas]”. A essa altura, os dois se incomodavam com a situação. E vários outros me olhavam com curiosidade, esperando uma reação.

Numa saia-justa, apontei a câmera com o dedo e perguntei: “Ok, ok...Sura?”, como quem diz: “Olha, são vocês que insistem. Querem mesmo?” Exibindo simultâneo sorriso desdentado, ambos concordaram e até me convidaram para participar daquela refeição informal. Relaxei imediatamente. A foto dos chapas da Al Qaeda estava feita. Mais uma cena chocante para a coleção de imagens surreais flagradas naquela viagem.

O IÊMEN TEM CÂNIONS PROFUNDOS, PRAIAS virgens, desertos cinematográficos, sítios arqueológicos bíblicos e pérolas da arquitetura árabe, mas não é exatamente um destino de férias, seria mais como uma visita a outro planeta. Cenas humanas surreais – aos olhos ocidentais – são vistas diariamente, já no primeiro passeio a pé pela capital, Sanaa. Mulheres vestidas com o “pretinho básico”, apenas os olhos de fora, misturam-se nas ruas com crianças carregando armas, dirigindo motos ou trabalhando no comércio. Nos jornais locais, notícias sobre refugiados somalis que cruzam clandestinamente o golfo de Aden em barcos precários e desembarcam semimortos no litoral iemenita dividem a página com o *follow up* do caso de Nojoud Nasser, a menina de 8 anos que pede na corte civil o divórcio do marido, 22 anos mais velho.

Para me aventurar por esses confins, deixei crescer a barba, memorizei frases do *Alcorão* e rituais básicos do islamismo. Contratei um motorista que falava inglês, um guarda-costas armado com AK-47 (obrigatório para um estrangeiro transitar por certas estradas) e atravessei burocracias em árabe para conseguir permissões por escrito, e passar – distribuindo fotocópias do documento – pelos inúmeros postos militares ao longo do caminho até Wadi Doan, meu destino final.



bém é o lugar onde o primeiro camelo foi domesticado, só pra reforçar o peso histórico que paira na atmosfera local. O nome Sanaa, bem como a palavra “semita”, vem de Shem, o primogênito dos três filhos de Noé e cabeça da árvore genealógica semítica, cuja família deu origem a árabes e judeus, todos filhos da união do Rei Salomão com a rainha de Sabá, de quem etíopes e iemenitas se dizem descendentes diretos. A *Bíblia* diz que é também por lá que Caim matou Abel. Suas tumbas, reza a lenda, se encontram ao sul, na região de Aden, embora não sejam sítios históricos visitáveis.

galões de água, conduzem rebanhos de cabras, vendem facas ou gasolina no suq (mercado).

No suq central de Sanaa, o garoto Said, 12 anos, corta folhas de tabaco com uma guilhotina que já decepou metade de seu dedo médio. Junto com a irmã de 10 anos, toma conta do negócio do pai no período da tarde, logo que volta da escola. Apesar da vida dura, Said, cujo nome significa “feliz” em árabe, vive sorrindo. No final do dia, joga bola com seus amigos e oito irmãos na rua onde mora, em um ritual diário infalível. Seu ídolo: Ronaldinho Gaúcho.

Mais da metade da população tem menos de 15 anos de idade e só 40% destes estudam, agravando o crescente índice de analfabetismo que hoje chega a atingir 45% do total de habitantes. Esses dados retratam a realidade de uma nação com uma das mais altas taxas de crescimento populacional do mundo. Segundo Mojaheed al Shaab, porta-voz do governo iemenita para assuntos relacionados à ONU: “A cada ano que passa, a população aumenta 700 mil habitantes”. Hoje estimada em 23 milhões, ela tende a dobrar até 2030. Para o presidente Saleh: “O descontrolado crescimento atrapalha o desenvolvimento da economia e os planos do governo para erradicar a miséria e o desemprego”. O mais recente relatório de Índice de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas coloca o Iêmen na posição 153 entre 175 nações listadas, abaixo de países africanos bastante pobres, como Congo, Argélia ou Gabão.

“O POVO MISERÁVEL PODE FICAR SEM COMIDA OU SAPATO, MAS SEM QAT [A DROGA MAIS CONSUMIDA DO IÊMEN] OU MUNIÇÃO NINGUÉM FICA”

O objetivo era travar contato com aquele universo de vilões sem cura aos olhos da mídia internacional, mas cuja hospitalidade é famosa e descrita por Marco Polo e inúmeros outros autores, entre eles o poeta francês Arthur Rimbaud (1854-91), que viveu por alguns anos traficando armas em Aden, cidade portuária e ex-capital do antigo Iêmen do Sul.

A bordo de uma Toyota 4x4, a viagem de três dias até Wadi Doan começou em Sanaa, fundada por Shem, filho de Noé, aquele da Arca. Sanaa disputa o título de cidade mais antiga do mundo ao lado de Damasco, Cairo, Beirute, Ur e Jericó – todas têm mais de 5 mil anos de história. No Velho Testamento está escrito que foi por aqui que a Arca de Noé sobreviveu ao dilúvio e tam-

Em Sanaa, carros na mão direita transitam com outros veículos com direção do lado esquerdo, remanescentes da época em que a região fazia parte do protetorado britânico que dominou o sul até 1967. A paisagem verde do relevo montanhoso que abriga a capital contrasta com a monocromia desértica restante na Península Arábica e cunhou o termo *Arabia Felix*, criado pelos exploradores do passado como referência à fertilidade desse terreno vulcânico.

Multidões de crianças circulam desacompanhadas pelas ruas até tarde da noite. Elas dominam e colore a paisagem urbana com suas roupas surradas, no mais autêntico estilo *Mad Max*. Meninos e meninas são vistos executando todo tipo de trabalho pesado – carregam

A SOMBRA DAS IMPRESSIONANTES CASAS-TORRE que caracterizam a arquitetura do centro histórico, homens bebem chá preto e mascam qat, a droga que elucida o pensamento na hora das negociações. Álcool e drogas ocidentais inexistem. Obviamente uma cervejinha pode ser encontrada no bar do Sheraton Hotel, porém esse e outros redutos de VIPs ocidentais são alvos favoritos dos atentados terroristas.

O ritmo social e comercial da cidade gira em torno do estabelecido hábito de consumir as folhas de qat. Planta



SOB A MIRA DO COTIDIANO

1. O Festival do Eid, que marca o fim do jejum, é celebrado com banquete e as crianças ganham presentes – elas invariavelmente pedem revólveres de espoleta. 2. Membros da Al Qaeda em restaurante na região de Wadi Doan. 3. Homens negociam o qat, a droga mais consumida do Iêmen



cultivada somente no Iêmen e na Etiópia, é um estimulante natural e suave que, segundo meu escolta Abdullah, “dá vontade de conversar”. Ou como melhor define meu motorista, Ghanim: “Ele provoca um efeito oposto ao do álcool”. Enquanto a bebida dispersa e descontra, “o qat ajuda a clarear e focar o raciocínio, sem alterar a percepção ou acelerar os batimentos cardíacos”. Segundo relatório assinado por médicos europeus de diversas áreas, e apurado pela pesquisadora do Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Londres, Dra. Shelagh Weir, o qat “é um vegetal sem contraindicações que não vicia nem causa danos ao cérebro. Nem mesmo no sistema digestivo”. Mas ela afirma que a droga “é uma praga social que consome o tempo de trabalho e o dinheiro de pais que priorizam esse demorado hábito diário em detrimento da alimentação dos filhos e de outras melhorias na vida da família”. Segundo seus estudos, as folhas são consumidas diariamente por 91% dos homens e 56% das mulheres iemenitas. “O povo miserável pode ficar sem comida ou sapato, mas sem qat ou munição ninguém fica”, admite a estudiosa.

Para o resto do mundo, o alcaloide que compõe o princípio ativo do qat está na lista das substâncias ilegais. Seu comércio em qualquer lugar fora do Iêmen ou da Etiópia é, teoricamente, crime considerado tão grave quanto o tráfico de outras drogas mais comumente aprendidas nos aeroportos internacionais. Mas nas casas dos iemenitas o ritual é diário. Conforme se aproxima a hora do almoço, o sol esquenta e, de repente, um ar de domingo toma conta das ruas. Durante esse intervalo, entre meio-dia e quatro

horas da tarde, nenhum serviço público ou estabelecimento comercial funciona. Grupos de barbudos de camisola, paletó surrado, adaga na cintura, chinelo Rider e kaffyeh na cabeça, o xale imortalizado por Yasser Arafat, se encontram em um terraço ou qualquer sombrinha para mascar as folhas, tomar chá e bater papo. Para os moderados, trata-se de um costume institucionalizado que marca a pausa da metade do dia. Para os exagerados e comerciantes da espécie – e está cheio destes pelas ruas – qualquer hora é hora. O uso do qat também indica, implicitamente, status. A quali-

dade da folha consumida e a companhia no ritual vão de acordo com a posição social. Um maço de qat vale 3 euros. De boa qualidade, sai por 15. Casamentos, negócios e conflitos são decididos nesses encontros. O maço dá para um dia, dividindo generosamente com um ou dois amigos. Minha experiência com o qat foi, no mínimo, curiosa. Entrei descalço em uma salinha onde 11 homens, em um papo animado, dividiam ramos de folhas compradas cedo no mercado central. Aqui, mãos dadas entre homens significa brodagem e, quanto mais próximo é o amigo ou parente, mais se beija e abraça. Um casual anfitrião separa as folhas mais avermelhadas, iniciando-me no ritual. Sinto um sabor amargo e repugnante, como se mastigasse as folhas das árvores da pracinha perto de casa. Deu preguiça de continuar, principalmente sabendo que é preciso mascar por três horas diárias, durante uma semana pelo menos, para perceber o sutil efeito. Acabei desistindo após dez minutos com aquele chumaço no canto da boca. Mas deixar aquele ambiente tão gentil e acolhedor seria embaraçoso. Só posso ir embora com a aprovação de todos, depois que gesticulo com o dedo girando próximo à cabeça para dizer que o negócio estava batendo, mesmo que de leve.

DE CARRO, SEGUIMOS RUMO AO LITORAL. COM pernoite planejado no vilarejo pescador de Bir Ali, onde um vulcão dormente repousa frente a um mar turquesa infestado de tubarões-martelo. Trajando o camisolão, barbudo e com aquele pano vermelho sobre a cabeça, passo por nativo

em qualquer lugar, se não abrir a boca ou tirar a câmera da mochila. Ao longo da jornada que atravessou a conflitada província de Shabwa, postura discreta e frases decoradas em árabe me incluíam ou removiam de qualquer situação, desejada ou indesejada.

Entre julho e setembro, Bir Ali recebe ventos e chuvas de monções. Exposto aos swells do Oceano Índico, seu litoral tem ondulações que formam tubos perfeitos de água cristalina sobre fundo de areia provavelmente jamais surfados por um brasileiro. Poucas expedições de surfe estiveram por lá. Em 2006, um time formado pelos surfistas californianos DJ Struntz, Jesse Hines, Cheyenne Cottrel e Kyle Garson percorreu as praias iemenitas com o objetivo de explorar e documentar o potencial dessa costa de mais de 1.000 km. Em uma época (não distante) em que viajar com um passaporte norte-americano pelo país era ousado, porém não tão desaconselhável como hoje em dia, eles encontraram os melhores points na região de Bir Ali e na ilha de Socotra, distante 350 km do litoral. Na ocasião, a presença dos exploradores virou assunto de capa no *Yemen Times*, o jornal editado em inglês na capital Sanaa. Fotos e relatos da expedição foram publicados nos Estados Unidos pela revista *Surfing Magazine* e em diversos sites especializados no esporte.

Em 2007, o surfista australiano Stuart Butler, acompanhado de dois amigos, tentou a sorte nos mesmos spots, mas foi intimidado pela presença insistente de um cardume de tubarões. “Surfar no Iêmen não é para amadores”, confessou Butler, em relato publicado no site da editora australiana *Lonely Planet*. “Aqui você não vai encontrar instrutores, salva-vidas ou jovens de óculos escuros se cumprimentando com high five. Itens como parafina ou protetor solar inexistem nos mercados fora da capital. Poucos privilegiados no mundo surfaram estas ondas. E, se você pretende se juntar a esta elite, vá preparado para entrar sozinho no mar e sair desta inesquecível experiência por conta própria.”

De novembro a março, o mar em Bir Ali se apresenta como um espelho de água cristalina. Uma rústica cabana de palha abriga meus pertences enquanto durmo sob um céu estrelado, livre de mosquitos ou ventos. A manhã seguinte é ilustrada com uma hora de snorkel pelos coloridos arrecifes localizados ao sopé de um vulcão marrom-escuro, erguendo-se abruptamente sobre a areia fina e branca da praia. A visibilidade, de pelo menos 20 metros, revela um universo marinho intacto – um dos últimos points de mergulho ainda não explorados pela indústria de turismo subaquático.

Durante o desjejum com chá e pão puro, meu motorista, Ghanim, e o escolta 'Abdullah' planejaram a rota. O plano era entrar, após o almoço, na província de Hadramout. Famosa pela pitoresca arquitetura de barro e por abrigar o cinematográfico vale de Wadi Doan, onde se produz o mel mais caro do mundo, é também o reduto dos fundamentalistas islâmicos.

A PÓS UM DIA INTEIRO DIRIGINDO, CHEGAMOS à lendária cidade murada de Shibam. O final de tarde distribuía generosa luz dourada, em uma cena digna das mil e uma noites. Aliás, não foi à toa que o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini escolheu a cidade como locação para seu filme "As 1001 Noites", rodado em 1974 no Irã, em Nepal, na Etiópia e no Iêmen. Palmeiras recheadas de tâmaras sombreiam o caminho de camelos que desfilam pela areia fina de um leito de rio seco frente a arranha-céus construídos com barro cozido há mais de 400 anos. Muitas dessas torres chegam a ter oito andares e atendem à conveniência de um antigo costume de poligamia permitido pelo Islã. Em uma família rica, o homem aloja suas mulheres e filhos nos andares inferiores da casa, próximo à cozinha e à dispensa. Os dois andares superiores abrigam os aposentos pessoais do sheik, acompanhado da esposa da vez, e o Al Mafraj, o salão especial utilizado para festas e reuniões de negócios.

“SURFAR NO IÊMEN NÃO É PARA AMADORES. VOCÊ NÃO VAI ENCONTRAR SALVA-VIDAS OU JOVENS SE CUMPRIMENTANDO COM HIGH FIVE”

Listado como patrimônio da humanidade pela Unesco, o conjunto de rudimentares edifícios de barro de Shibam está praticamente abandonado. Parte das construções ficou comprometida, em sua estrutura e fachada, após as violentas enchentes que mataram 69 habitantes e deixaram 1.700 famílias desabrigadas em outubro de 2008. Para visitantes ocasionais, a passagem pela cidade fornece a nítida impressão de se ter voltado no tempo.

DEPOIS DE MAIS UMA HORA DE VIAGEM, ENTAMOS no vale do Rio Doan. Paredões verticais de arenito estreitam ambos os lados do vale à medida que penetramos seu interior. Em uma pausa para tomar um chá na beira de estrada, um movimento de entra-e-sai nos fundos do restaurante desperta minha curiosidade. Após deixar a câmara no carro a pedido de meu motorista, Ghanim, entramos juntos em um galpão onde um mercado informal de armas exhibe artilharia suficiente para equipar um pequeno exército.

De cara, me oferecem uma AK-47 por 300 euros. Nas caixas empilhadas, pistolas 9 mm, munições diversas, granadas de fragmentação, metralhadoras M-16s, rifles kalashnikovs e até bazucas são vendidas por preços a partir de 100 euros. Um descampado no quintal da construção em ruínas funciona como campo improvisado de teste das armas, que posteriormente são negociadas entre uma e outra xícara de chá. Fotografia aqui é *mamnua*, ou seja, “estritamente proibido”. Com uma expressão sé-

ria no rosto, Ghanim me puxa do ambiente após cinco minutos e diz que não é uma boa ficar muito tempo por ali, dando chance ao azar. A cultura tribal desse povo é calcada na honra, na palavra e na dignidade – ainda que de padrões medievais – e prevalece acima das leis. Uma vida tirada por um homem armado pode causar estremecimento nas relações diplomáticas entre tribos, o que é facilmente resolvido com o pagamento de um valor em dinheiro, proporcional à importância do defunto. Qualquer episódio envolvendo estrangeiros nesta província somente será resolvido com a boa vontade dos líderes. Nenhuma legislação federal ou autoridade diplomática internacional tem voz no território das tribos beduínas.

Antes de sair dali, um conselho do barbudo que nos ofereceu o chá: “Não pernoitem em Khurayba”. Apesar de sua beleza arquitetônica e paisagem dramática, a vila no fim do vale é o ponto final da estrada. Sua geografia de beco sem saída favorece a logística de uma emboscada bem planejada e qualquer incidente ocorrido por lá demora dias para ser noticiado. Ghanim sugere seguir viagem em busca dos apicultores, meu alegado pretexto para estar ali e conviver de perto com os fundamentalistas. O plano é parar apenas no fim da tarde e dormir em Seef, uma vila maior, onde um conhecido do meu motorista aluga quartos para forasteiros.

No caminho para Khurayba, um palácio colorido com mais de dez andares destaca-se na paisagem do lado es-

querdo do vale, contrastando com os tons de terra do vilarejo de Al Rubat. É o palácio de Kailah, legado cultural deixado pelos ancestrais de Mohammed Bin Laden, pai de Osama, cuja família é originária da região. Embora vivendo na Arábia Saudita desde a década de 50, a família de Bin Laden ainda detém o status de ser uma das mais tradicionais e respeitadas de Wadi Doan. O palácio, reformado e vendido a um abastado clã saudita chamado Buqshan, hoje abriga uma casa de chá no piso térreo e dois de seus andares funcionam como hotel. Os cômodos espaçosos possuem acabamento bastante rústico, mas as janelas de madeira tradicionais da arquitetura hadrami e as portas espessas e centenárias fazem valer a diária de 50 euros.

NO LEITO SECO DO RIO INTERMITENTE QUE corta o fundo do vale, três espécies de acácias do deserto florescem uma vez ao ano e são polinizadas por abelhas que produzem uma qualidade de mel superior a qualquer outra. Escuro e denso, esse “ouro líquido”, como se referem os vendedores, é cultivado de forma primitiva por poucos. A sazonalidade das minúsculas flores e o ritmo artesanal de produção impedem o mel de chegar ao mercado internacional. Doces árabes com o precioso ingrediente podem ser encontrados nas festas dos sheiks sauditas ou de outros países ricos do mundo islâmico. Mas não chegam até o Ocidente. Em Al Hajjarain, a primeira vila da entrada do vale, dois apicultores limpam o terre-

no onde mantem suas colmeias. “Produzimos um mel com muita qualidade medicinal”, conta o senhor Mohammed, do alto de seus 63 anos de experiência, enquanto sopra a fumaça de folhas secas queimadas sobre uma fileira de 15 colmeias para provocar efeito tranquilizante nas abelhas pouco antes do manuseio. “O mel, no Iêmen, é uma preciosidade. Sua produção e seu comércio são levados a sério e movimentam grandes somas”, explica Mohammed, com a ajuda da tradução de meu motorista. Espalhadas pelo país, lojas especializadas vendem diversas variedades de mel e derivados como própolis, geleia real, favos e perfumes. Um litro de primeira qualidade vale 20 euros se comprado das mãos de Mohammed. Em Al Mukalla, capital da província, a mesma quantidade é vendida a 30 euros, enquanto em Sanaa o preço do litro pode chegar a 50 euros. Os valores são altíssimos se comparados ao padrão de vida e renda mensal dos habitantes da região de Hadramout. E mesmo assim não se veem apicultores ricos ou bem equipados.

Segundo a australiana Grace Pundyk, autora do livro *The Honey Spinner*, o dinheiro da produção de mel em Wadi Doan possui ligação direta com o recrutamento de jovens pela Al Qaeda. Pundyk viajou o mundo para redigir uma análise que relaciona casos de desaparecimento de enxames de abelhas com a extinção das florestas de Bornéu, o fim de uma variedade de madeira no sul da Tasmânia e ligações de exportadores de mel com milícias extremistas no Iêmen. Por causa de sua fama, o mel iemenita atinge os mais altos preços de importação no mercado internacional. Sua produção local não atende a demanda, “forçando” os iemenitas a comprar mel nos Estados Unidos e revender para os próprios norte-americanos.

Al Shifa e Al Nur, as duas maiores companhias exportadoras de mel do Iêmen, estão sendo investigadas pelo Departamento de Tesouro Nacional norte-americano, acusadas de encobrir o tráfico de armas e de financiar o terrorismo. Mohamed Hamdi Sadiq al-Ahda, proprietário da Al Nur, já foi preso na Arábia Saudita por planejar um atentado nesse país. Mas, embora tenha coletado um número de evidências em suas viagens, a jornada solitária da escritora pela região não conseguiu apurar provas concretas. O fato de ser mulher e sempre cheia de perguntas delicadas provocou barreiras de comunicação e limitou seu acesso aos ambientes masculinos.

Fica fácil imaginar o caminho que o mel produzido por fiéis em condições de miséria faz enquanto é vendido inúmeras vezes com valores diferentes até chegar à festa de casamento de um sheik nos Emirados. Difícil é saber aonde esse dinheiro multiplicado vai parar. O apicultor Mohammed segue trabalhando com seu filho, Abdullah. O menino de 10 anos ajuda o pai o dia inteiro, nunca foi à escola e tira apenas uma folga na sexta-feira, dia de descanso oficial dos muçulmanos. À noite, ele frequenta uma aula religiosa junto a seu pai em Seef, onde a única coisa que aprende são os ensinamentos do *Alcorão*.

O relógio bate meio-dia e o apicultor, seu filho, meu motorista e o sempre calado escolta me pedem licença para interromper o papo e rezar. Eles lavam as mãos no riacho e verificam a direção de Meca na bússola do carro antes de iniciar o ritual de submissão. “Religião para nós, muçulmanos, é assim como você está vendo agora: em um momento do dia você tira dez minutos para estar somente com Deus, em uma sintonia sem intermediários”, salienta o motorista ‘Ghanim’ enrolando seu tapetinho logo após a prece. “Como é que o homem pode adorar uma estatuazinha que ele próprio construiu?”, questiona Ghanim, referindo-se às práticas cristãs. Sua visão é coerente com a maravilhosa arte abstrata e geométrica que enche o interior das mesquitas de detalhes e jamais exhibe qualquer representação humana.



1



2

SOB O DOMÍNIO DO MAR E DA AREIA

1. O vale de Wadi Doan, onde crescem as acácias que são polinizadas pelas abelhas que produzem o mel mais caro do mundo.
2. Vendedor exhibe o ouro líquido do Iêmen, o mel que é vendido por 50 euros o quilo.
3. O motorista Ghanim reza virado para Meca.
4. A praia de Bir Ali, com ondas perfeitas para o surfe entre junho e agosto. Ao fundo, vulcão ativo domina a paisagem

3



4





“RELIGIÃO PARA NÓS, MUÇULMANOS, É ASSIM: EM UM MOMENTO DO DIA, VOCÊ TIRA DEZ MINUTOS PARA ESTAR COM DEUS, SEM INTERMEDIÁRIOS”

A VOLTA PARA SANAA, A BORDO DE UM VOO DE duas horas da Yemenia Airways, permite avistar pela janela os cânions que riscam a paisagem monótona de Rub Al Khali, o deserto que avança sobre o sul do território saudita formando uma das maiores extensões de dunas de areia do mundo. Despedindo de velhos medos e celebrando novas amizades, concluí a viagem de três semanas sem imprevistos e espantado com a hospitalidade encontrada. Afinal, trágicos episódios propagados pela mídia internacional nunca me assustaram. Seus números anuais não se comparam com os índices semanais do crime no Rio de Janeiro ou mesmo com os de uma cidade pequena do interior paulista. E as ações dos estimados 5% da população que supostamente tem alguma ligação com a rede terrorista minam a imagem de iemenitas que, em sua maioria, não participam nem concordam com os radicais.

A indústria de sequestros de turistas no Iêmen está ligada a conflitos políticos internos, envolvendo líderes de tribos beduínas e o Governo Central – que decretou pena de morte para sequestradores em 1998, mas os criminosos não parecem ter levado a notícia muito a sério. Nas ocorrências mais corriqueiras, sequestradores não maltratam reféns, apenas pedem armas, melhorias em suas vilas e a libertação de prisioneiros políticos em troca dos turistas.

Durante o voo conversei com Frank Oettel, alemão que me contou ter sido sequestrado junto com sua mulher e os dois filhos em 1996. “Ficamos presos em uma aldeia rural ao norte de Sanaa. Sempre sorridentes, nossos sequestradores faziam questão de nos tranquilizar, oferecendo o melhor de sua comida e hospitalidade. Durante os nove dias que ficamos em seu poder, podíamos circular pela vila e éramos motivo de diversão para

as crianças.” Viajando a trabalho para uma organização de ajuda humanitária, Frank voltou várias vezes ao Iêmen após o ocorrido.

Mesmo com a morte de coreanos em uma explosão perto de Shibam, episódio acontecido em março deste ano, o perfil dos crimes contra estrangeiros está mudando. Mas os atentados com mensagem anti-América crescem. Sejam em casos de pequenos ataques contra forasteiros ou em episódios mais significativos como a bomba na embaixada norte-americana no ano passado. Uma guerra entre tribos foi iniciada, também em março, na região de Sadah, pouco ao norte de Sanaa, cujas vilas estão fechadas para forasteiros.

Tais fatos ainda irão manter a indústria do turismo afastada das preciosidades naturais e culturais da Arábia Felix por um bom tempo. E, enquanto isso, meus compadres iemenitas seguem em seu estilo de vida relaxado, circulando nas ruas de Sanaa com chinelo, camisolão, qat na boca e a djambia, tradicional adaga obrigatória do vestuário masculino, na cintura.

Sem sair do lugar, hoje eles conversam comigo pelo MSN, perguntando ansiosos pelo meu retorno ou esperando por um convite para visitar as areias tupiniquins, onde toda nudez é autorizada e todos os excessos pecaminosos acontecem em um feriado de quatro dias cuja origem é religiosa. ☪

CAIO VILELA, é geógrafo, jornalista e fotógrafo, com reportagens produzidas em mais de 50 países para as mais diversas publicações brasileiras.